

Jornal da Serra

A INUBIA

JORNAL DE ENSAIOS LITTERARIOS.

(Ubi desint vires, tamen est laudanda voluntas)



Recebem-se artigos que digam respeito á litteratura, estando estes sujeitos á com-missão da revisão.

A INUBIA
SAHIRÁ
UMA VEZ POR MEZ:

Todos os artigos serão enviados ao Collegio Marinho.
86. Rua do Riachuelo 86.



A INUBIA.

ESBOÇOS CRITICOS

(CARTAS AO SR. JOAQUIM SERRA.)

4.

FRANCO DE SÁ.

Conhece nada mais pungente, mais doloroso, do que um poeta grande de intelligencia, rico de ins-piração, que morre na madrugada esplendida da vida? Cahir debruços no leito do soffrimento, exhalar o sus-piro final quando a gloria já lhe acenava nos umbraes das portas do fu-turo, não é um quadro que contrista o coração?

Para que Deus apagou a luz bri-lhante do cerebro valente do poeta a quem fadára com o fogo santo da melodia? Para que ordenou á mão certa e descarnada do anjo da morte cortar o fio de uma existencia tão delicada?

Pois não era melhor que esse ente vivêsse? que deslumbrasse o mundo com seus poemas cheios de alegria ou de amargura? que nas horas so-litárias da noite, tendo nas mãos a lyra delicada, tirasse do languido instrumento melodias suavissimas, que, desprendendo-se das cordas, fossem, nas azas candidas da brisa, perfumar o rostinho dos anjos do céu? que no silencio do templo, quando as sombras do crepusculo envolvem a nave melancolica, e o órgão sus-pira plangente, principiando a en-toar as harmonias sagradas, não era melhor que esse ente louvasse o seu Creador?

E' destino! Os poetas são privile-giados: Deus quer tê-los junto de si.

Oh! mas, como é triste, quando a viração da tarde porpassa pelo ca-lice das flôres, quando as avesinhas se vão uma a uma escondendo nos ninhos, quando o sol envolve num beijo luminoso as ramas do arvored, como é triste não escutar a nenia sentida do que soffreu como Jeremi-as, do que meditou como Junqueira Freire, e do que suspirou como o namorado de Vaclusa!

Como é triste não escutar a voz daquelle que, na noite de 26 de Ja-neiro de 1856, antes de adormecer no somno eterno murmurou: « que noite! que triste noite! »

Fallo em Antonio Joaquim Franco de Sá, talento de larga esphera, que possuia um daquelles dons que o Creador a bem poucos concede: o genio.

No livro que nos deixou sente-se não só o poeta como tambem o pen-sador; presente-se que o escriptor ju-venil que conseguiu alcançar um es-tylo original, exclusivamente seu, se não desapparecesse da scena do mundo na flôr da vida, hobrearia de certo com Garrett na pureza da inspiração, ou com Hugo na eleva-ção do pensamento.

Não é prodigo o elogio que lhe faço, porque sahiu-me dos bicos da penna tal qual a consciencia m'o dictou. E aquelle que julgar o lou-vor não merecido, aquelle que me alcunhar de lisongeiro censurar-me-ha erradamente.

O lyrismo, a elegia, e o humour

são as feições mais brilhantes do ta-lento de Franco de Sá. Na sua curta existencia o joven poeta possuia já a correção que só tenho encontrado nos escriptores de grande merito: a obediencia ás regras de grammatica, o mimo da fôrma, a delicadeza de es-tylo, a opulencia de imagens, e a suprema elegancia no modo de ex-primir o pensamento.

Franco de Sá não é como Varella que, mesmo em horas de tristeza, desprende dos labios encrespados por uma contracção nervosa gritos de li-berdade, não é como Castro Alves, essa flôr morta em botão, que nas suas garras de aguia arrasta o leitor na carreira vertiginosa, excepto quando elle transporta-se do oceano do sentimento para o oceano do en-thusiasmo. Então sim! então é que é mais do que ambos elles!

Leia ao Sete de Setembro. Como o estro do poeta imberbe accendeu-se nas lavas da inspiração divina, e co-mo o seu delicado escôpro arrancou dos seios da natureza americana pe-rolas alvissimas de poesia. Todos os poetas que têm tratado deste assump-to estão longe de Franco de Sá.

Veja estas estrophes grandiosas, soberbas, e altivas, tão altivas como as das odes de Victor Hugo:

As sopro dos veptos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo, formado por Deus,
Uu indio gigante, nascido nas mattas,
Dormia cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigiditas zonas
O vasto colosso se estende através;
Reposa-lhe a fronte no immenso Amazonas
E as agoas do Prata murmurão-lhe aos pés.

4019
52

Este quadro é perfeito. Ha uma belleza admiravel nesta descripção. As imagens são o pulentissimas! Que bem empregado que está o verbo *re-pousa*! Substitua-o por outro de significação analoga e veja se a estrophe não sahe-lhe frouxa e rebelde ás leis do metro.

Continuemos. Esse indio gigante era o Brazil que gemia nos ferros da escravidão, era o Brazil que dormia ha tres seculos, e que, aos raios fêrvidos do sol rutilante

Desperta... e dos membros sacode as cadeias,
Qual rija borrasca das nuvens o véu,
Qual aguia das azas sacode as areias
Abrindo-as velozes nos campos do céu.

Esta poesia, com effeito, é uma das melhores da musa brasileira. Que naturaes que são as comparações com a *rija borrasca*, e a *aguia*! Numa ou noutra estrophe sente-se a inspiração afrouxar, para logo perder-se nos páramos da sublimidade. E' admiravel como o poeta depois de baixar o vôo, subito, reergue-o.

Embora se realise a prophécia de Eugene Pelletan, embora emmudeça o pensamento, ao *Sete de Setembro* deve ser apreciada pelos brasileiros.

Oh! porque a nossa lingua é a mesma que fallam os portuguezes? porque não foi diversa? Se assim o fosse elles não teriam o orgulho de vê-la tão bem manejada; era sómente nosso.

A segunda composição, de que tenho de me occupar, denomina-se *Supplica*. E' um canto apaixonado onde ressumbram uns longes de elegia d' amor. Criança de quinze annos, entregue aos vaivens da sorte, separado de seus paes que dormem o somno eterno, Franco de Sá elevava o pensamento virgem até Deus e murmurava, com a voz afogada em lagrimas e soluços, esta supplica d'alma:

Pois na vida deixaste-me sózinho,
Dá-me, um anjo, que aponte-me o caminho
Dá-me, Senhor! um só dos anjos teus
Cujos olhos o viver doure e perfume
Que sentado a teus pés certo resume
Todos os sonhos meus!

Sim, d'um anjo de amor, de luz preciso
Cujos olhos me dê vida, cujo riso
Faça as dores mundanas esquecer;
A cujos pés minha alma embevecida
Despreze a gloria e as illusões da vida
Com celeste prazer!

Porém, se tudo não fôr mais que mera illusão, se fôr seu destino não encontrar na terra o alvo collo da ingenua virgem onde recline o seio palpitante

Então, Senhor! retira-me do mundo
Como, sem luz, do lodaçal profundo
Passarei através?
Sem de minha alma nodoar o manto,
Quero, inda puro, murmurar um canto,
E cabir a teus pés.

E o coração preságo dizia-lhe que havia de morrer bem moço! O genio é assim, prophetisa a morte. Por isso, elle desprendia dos labios este maviosissimo canto inspirado pela unção melancolica do christianismo, todo sentimento, todo harmonia, e tão doce singeleza respira, que não ha estrophe de Soares Passos que lhe seja superior, nem arpejo d'alma de Lamartine que mais se nos entranhe no âmago do coração.

O mundo abandonando e seus perigos,
Isto vos pedirei, Senhor meu Deus:
Um suspiro da patria, um ai de amigos,
E no peito viver de uns anjos teus.

A sua phantasia, prestes á soltar-se da terra, procurava outros mundos, outras espheras onde podesse realizar seus sonhos desvairados. Estes versos foram escriptos na época em que reinava a escola sceptica de Alvares de Azevedo.

Não compare Franco de Sá, poeta pelo coração, com Alvares d'Azevedo, poeta pela imaginação. Este phantaziava dôres, soltava gargalhadas scurnas; aquelle sentia pesares na alma, tinha um sorriso amargo pairado nos labios, mas não era o sorriso ficticio da descrença. E se uma ou outra vez se desviava do caminho puro que trilhava, com o rosto colorido de pudor dizia:

Se esqueci o canto puro
Por um momento veloz,
De novo agora o procuro
E arrependido murmuro:
« Perdão! » com tremula voz.

Eu Te Amo. Eis ahi uma confissão sincera de amor. E' esta poesia em metro de sete syllabas. Linguagem pura, engenho, sentimento e harmonia são os predicados que se encontram nesse mimoso canto.

Como é triste morrer na flôr da vida é uma das poesias mais sentidas de Franco de Sá. Presente o poeta que o raio do sol da sua existencia está prestes á apagar-se. E' o adeus á vida, é o adormecer na morte, é a ultima lagrima do justo.

Lagrimas! não conhece esse desabafo quem nunca viu as rosas da vida transformarem-se em espinhos, nem os gêlos do inverno branquearem-lhe a fronte. Não conhece o que são lagrimas quem nunca sentiu o desalento n'alma, o desespero da agonia, e a cegueira do coração.

Eu tambem não o conhecia!

O pranto, o verdadeiro pranto, que dilacera o coração, que geme, ulula, para depois transformar-se na roixa flôr que se chama saudade conheci-o eu quando morreu o anjo da guarda de minha infancia!

Oh! o infeliz poeta tinha razão de suspirar pelo tumulto!

Recordação, em metro de dez syllabas com pausa na quarta, é de um mimo e correção que nos admiram. O pensamento não é dos mais vulgares, e a metrificacão é harmoniosissima.

Ha pouco tempo que ouvi tocar o *Requiem* de Mozart. O luar entrava a jorros pelas vidraças, e vinha acariciar os cabellos destrançados da graciosa pianista.

O teclado gemia para mim de uma maneira tão vaga, tão melancolica que as lagrimas, rebentando vivas, bailaram-me nos olhos. Por quê? não o sei; mas lembrava-me de uma poesia cuja melodia se casava perfeitamente com aquelles sons maviosos, que vinham, repassados de meiga tristeza, coar-se-me n'alma.

Essa poesia era a obra prima de Franco de Sá, a *Nenia*, onde a feição

elegiaca do seu talento se ostenta, como a de Millevoye, commovendo as almas as mais feras e fallando a linguagem das paixões sublimes.

Ai, é tão difficil fallar ao coração alheio !

O' poeta, ó pallido sonhador, onde irias tu inspirar-te daquelles threnos tão tristes, tão melancolicos que nos marejam as palpebras de pranto ? Tu não alegras, não pedes á arte o effeito dos teus versos, não soltas gritos de desespero, não nos ensurdeces com os canticos bellicos de nossos antepassados; tu és simples como o espirito do justo, suave e mimoso como o coração daquella a quem amaste, poeta, e a quem sagraste todos os teus cantos, flôres de tua alma apaixonada. Não o perturbemos. Silencio !... A lyra está enlutada; o poeta pranteia o amigo que descança no sorvedoiro dos corpos, e o pranto da saudade, correndo-lhe pelas faces descóradas, inspira cada vez mais a pallida mão, que das cordas do alaúde tira suspiros plangentes.

Oicamol-o :

Foi longo teu soffrer; descança agora
Onde tudo sorri e ninguem chora,
Onde tudo é fiel.

Terás por cada dôr mil alegrias,
Por cada gotta amarga, que behias,
Mil amphoras de mel.

Meu Deus, se em minha vida agora calma
Lanças provações, dá que minh'alma
Saia d'ellas assim !
E que um amigo sobre a minha lousa,
Invocando teu nome a mesma cousa
Dizer possa de mim.

Onde se encontra nalingua não salida dos Sycambros trechos que se comparem a estas bellissimas estrophes? Bem sei que me vae citar a poesia—*Lagrymas* de Thomaz Ribeiro, bem sei que me vae apontar algumas das poesias dos *Cantos Funebres* que Magalhães escreveu quando lhe morreu a filha mais velha; mas nestas elegias, aliás sentidissimas, eu não encontro a singelesa da expressão, a philosophia d'alma, a saudade e o sentimento profundo que transparece

em cada estrophe da Nenia. E' admiravel como Franco de Sá exprimiu o pensamento sem sacrificar-o á fórma; é maravilhoso ver as idéas, que palpitavam-lhe na abobada refulgente do craneo, espanjarem-se pela téla do verso, radiantes de belleza, como as maripôsas, que, fugidas do cartão do amante da natureza, voejam livres pelos jardins perfumosos da poesia.

A's vezes, por desfastio, a lyra de Franco de Sá verte o humour com tal graça e chiste que o riso acode-nos aos labios espontaneo, fluente, e natural. Que espirituosa que é a poesia *Amôr e Namôro* ! que singelesa na *Sabbatina* ! que naturalidade nos *Meus namôros de Olinda* ! Comtudo, nesta ultima, apparecem aqui e acolá algumas imperfeições de phrase e de metro.

A sua morte é daquellas que todos nós devemos lamentar. Todos os poetas da nossa lingua eram-lhe familiares; tinha conhecimentos literarios, philosophicos, historicos e politicos. Diz o dr. Fillippe Sá, seu irmão, que era senhor da lingua ingleza e italiana, e que já entendia o allemão.

Ahi tem o senhor imperfeitamente desenhada a phisionomia do poeta maranhense.

Quando principiei o estudo, que lhe envio, impuz-me ao dever de debruçar-me sobre a loisa do poeta, tomal-o nos meus deveis braços e vestil-o de existencia com o fogo da minha frouxa inspiração; mas, no momento de cumpril-o, senti faltarem-me as forças; e a estatua, que o trémulo cinzel do esculptor mediocre tentára desentranhar do marmore alvissimo de Carrára, sahiu imperfeita. Porque não se incumbe o senhor da tarefa ?

Se ha entre nós quem saiba escrever a critica philosophica e positiva, induzir e deduzir, averiguar e julgar é de certo o senhor; é possivel que o

elogio transpire por entre os rendilhados da phrase, é possivel que occulte aos leitores os defeitos que por via de regra mancham o livro; mas esse modo de analysar a que eu chamo bom senso, revela a penetração fina, que, em gráo elevado, possue.

A critica, digam lá o que quizerem os sectarios de Armand de Pontmartin, não tem obrigação de procurar saber se uma palavra está bem empregada ou não, se o poeta virgulou desta ou daquella fórma; a sua missão é mais nobre, mais sublime: *animar as vocações esperançosas*, orientar o escriptor no rumo que ha de seguir, servir de bussola ao navegante não experimentado a sulcar mares encapellados; emfim, a critica é Alfredo de Vigny revelando ao publico estupefacto o talento vigoroso de Thomaz Chatterton; é Pereira da Silva uma das nossas illustrações que os estrangeiros e nacionaes admiram, inserindo numa das suas obras de mais nomeada um artigo á respeito do martyr Junqueira Freire; é Lopes de Medonça, um dos vultos mais sympathicos da litteratura portugueza, apresentando ao mundo enlevado o Musset brasileiro.

E Franco de Sá, que possue os mesmos dons de intelligencia, porque não merecerá ao senhor uma apresentação, não digo ao Brasil sómente, mas a todo o mundo ? Com o poeta maranhense tem a sua terra natal uma divida em aberto; satisfazel-a, compete ao senhor.

A. CARLOS D'ALMEIDA.

Recordações de um amôr.

I.

Era ao cahir da tarde...

Junto a um regato, que preguiçosamente se escoava por um pedregoso terreno, erguia-se uma copada sapucaieira, cujo soberbo cimo parecia querer topetar com as nuvens... Mais em baixo a travessa brisa baloi-

çava os galhos de um florido jasmi-neiro, que enchia a atmosfera de um inebriante perfume... Um casal de pintacilgos em amoroso enleio gorg-eava um tão melodioso e terno canto, que toda a natureza emmu-decia para ouvir os seus canóros trilos...

Assentados ao pé da annosa sapuca-eira um mancebo, e uma virgem de olhos azues, cujos cabellos louros brincavão ao leve sopro da aragem, olhavão silenciosos um para o outro, como que engolphados em um pro-fundo scismar...

O monotono toque de Ave-maria veiu desperta-los de seus tristes pen-samentos...

« Amelia, disse o mancebo levan-tando-se, o destino quer que separe-mo-nos, mas tem fé em Deus, que eu espero que a minha ausencia será curta ».

Nesse momento do topo da arvore solta um agoureiro pio uma coruja, unica testemunha daquella terna despedida... Os dous jovens ficarão ecstáticos por muito tempo, até que Americo—assim se chava o amante de Amelia—rompeu o silencio:

« Porque razão havemes nós scis-mar, Amelia, nesse mau agouro, se, ainda ha pouco, aquelle par ditoso de pintacilgos, com os seus alegres gorgeios, saudava os nossos amores? »

Calou-se o mancebo, e, depondo um derradeiro beijo na frente de sua querida Amelia... partiu!

II.

No dia seguinte Americo meren-corio e cabisbaxo seguia a estrada que vae d'Ouro-Preto ao Seminario do Caraça, levando gravada em sua mente a pallida imagem de sua des-ditosa amada, que não podia esque-cer-se do fatal pio da coruja...

No dia immediato ao da partida de Americo, vi Amelia encostada a mesma arvore: os seus olhos, orlados de um roxo escuro, já não possuíam mais o seu antigo brilho: os cabellos

soltos ondeavão-lhe pelo collo: os braços alvos, descansava-os ella indo-lentamente na virente relva!... Con-templei-a por muito tempo naquelle sublime torpôr...

De repente ella levantou-se, e, com a voz repassada de dôr e entrecortada de soluços, desprendeu dos labios essa melodiosa e terna modinha—
Tão longe de mim distante—

III.

Passavam-se dias e mezes, e sempre esta scena se repetia ás mes-mas horas, e no mesmo lugar.

Eu, que ainda sinto correr-me nas veias todo o ardor da mocidade, e que mesmo assim descreio tanto das mulheres, era, todas as tardes, como que impellido por um poder magico, para aquelle sitio, e, contemplando aquelle quadro arrebatador, via re-suscitarem as minhas crenças...

Mas o desengano veio cedo...

Passou-se uma semana sem que Amelia viesse visitar a sapucaieira...

Acaso de saudades de Americo de-finhava ella em um leito?... não... E' que já tinha desterrado da mente o retrato d'elle.

Assim são as mulheres!..

IV.

Decorridos dous annos voltava Americo do Seminario, para onde elle tinha ido obrigado, e, che-gando a sua terra natal, dirigiu-se antes mesmo de ir abraçar a sua mãe para o lugar que presenciára os seus primeiros protestos de amor.

Julgava encontrar alli, pallida e pensativa, a sua sempre lembrada Amelia, pranteando a sua ausencia.

Em vez dessa pallida e pensativa Amelia, encontra uma joven de côr vivace e alegre, recostada languida-mente nos braços de um mancebo...

Era Amelia que tinha-se casado na vespera de sua chegada!...

V.

Um sorriso satânico pairou nos la-bios de Americo.

Premeditava talvez uma vingança... mas subitamente seu semblante tornou-se limpido e sereno...

Qual a causa dessa mudança tão repentina? é que elle reconheceu que Amelia era indigna de seu amor, e por conseguinte de seu odio.

Americo é hoje o maior sceptico que conheço.

TERENTIANUS MAURUS

Rio, 22 de Agosto.

Recordações

Não te recordas da noite
De nossas fallas sentidas,
De nossas almas unidas
N'um scismar meigo e sem fim?
E quando nas horas mortas
As vagas rolão na praia
A lua no céu desmaia
Não te recordas de mim?

Eu bem sei, que nossa vida,
Nossa historia do passado,
E' um poema rasgado,
Um sonho, que já passou!
Nosso amor — sancta loucura,
Anelo sem esperança,
Doce illusão de creança
Que em nossa frente murchou.

Mas que importa se era um sonho.
Nossa paixão tão ardente?
Essa loucura innocente
Se occulta mas não tem fim
E hoje quando de noite
As vagas rolão na praia,
A lua no céu desmaia
Tu te recordas de mim!

BRAZILICO SILVIUS.

Rio de Janeiro, 26 de Agosto de 1870.

Bôa noite!

A. Castro Alves

(PARODIA.)

Boa noite! cantor, é cedo ainda
E não queiras penetrar no templo escuro,
Boa noite! cantor, as brisas dormem,
Brilhão fogos no céu de teu futuro.

Boa noite! cantor, e não respondes!
Tua frente pendeu erma e sombria,
Escuta os gritos do festim da vida
E não durmas assim na terra fria.

Oh ! pallido René, ouve ! Desmaião
Astros n'aquelle céu; porque te escondes ?
Já suspira entre véus a loura virgem:
— Boa noite ! cantor, e não respondes !

Canta ao menos teu hymno do sepulchro
Que ella escuta-te a voz, suspira e chora
Ninguem mais te ouvirá, voz d'alem tumulo
Nem mesmo os raios de uma nova aurora.

Oh ! dorme sonhador ! Foi sobre a terra
Tua sombra phantasma somnolento,
Sorriu-se o mundo a te escutar os cantos
Sem curvar-se ante a cruz de teu tormento.

Não digas que menti ! Nesse sepulchro
A furia de um tufão mudo arrojou-te
A terra não te olhou ! Do céu ao menos
Veio um raio de luz dizer: Boa noite !

Rio 2 de Agosto de 1871.

BRASILIO SILVIUS.

Minha mãe

Minha mãe, que dôr tamanha
Me entristece o coração,
Quando o sol toca á montanha
E as sombras cobrem o chão ;
Quando tudo é silencioso,
Morno, frio e taciturno,
Nem resta um clarão diurno
Do planeta luminoso.

Mais tarde, quando entre as flôres
Foge branda a viração
E ao ar atira os odores
Das rozas inda em botão...
Eu sinto terna saudade,
A mesma dôr me domina ;
Sou como a flôr vespertina
Que o vento desfolhar ha de.

Minha mãe, vês tu a lua,
Que para lá se encaminha
Com a face candida e nua
Pelo céo limpido — asinha ?
Vês a chusma das estrellas
Scintillar de puro brilho ?
Interroga-as por teu filho,
Por seu viver. . todas ellas:

Que te dirão ? Sabe aragem
O aroma que a flôr encerra,
Quando em célere passagem
A vê d'envolta com a terra ?
Assim, — a lua que passa,
As estrellinhas que apontam
Me vêem ; porém não contam
A magoa que me repassa.

Vago triste e pensativo,
Alta noite na soidão,
Sem encontrar linitivo
Na febre desta afflicção ;
Minha mãe, longe dos lares,
Longe de ti que eu adoro,
Só tenho alivio se choro
Meus tormentos e pezares....

De dia só cuido e penso
No teu affecto sagrado,
Té que afinal me convenso
Que meu desejo é baldado :
Quizera ver-te, ó querida,
O' minha mãe, meu amor !
Quizera ver-te, na dôr...
Neste desterro da vida !

J. L.

Rio, Agosto de 1871.

Num Album.

Deixe-a dormir, não a desperte;
vêja como ella encosta de mansinho
a loira cabecinha ao niveo braço
macio, tão macio, como o arminho.

Ella dorme... suspira... ai ! quem me dêra
aventar esse sonho de innocente !
sonhar como ella sonha, ter no seio
amôr e paz, sentir como ella sente.

Oiça o nome sublime, manso e terno
que entre risos agora murmurou:
mãi ! que traduz—amôr—encanto—
dôce palavra que outrora m'inspirou.

Não, não a desperte ! E' bello vê-la
banhada de luar, dormindo assim:
é singela de mais para menina,
e formosa de mais p'ra seraphim !

Dorme, anjinho do céo, teu somno puro
perfumado da noite pela aragem !
E, quando fôres moça não te esqueças,
que este canto brotou da tua imagem.

Rio,—1871.

A. C. D'ALMEIDA.

A' Lelia.

Nas noites sombrias, pensando em amôres
Eu sinto de penas meu corpo finar,
Não quero, nem devo contar minhas dôres
Aquem o consôlo não pôde me dar.

Acredita, minha Lelia,
A ti só eu juro amar !

De tarde á janella c'o a fronte abatida,
En sinto meu peito de amor palpitar;
E choro, e soluço de magua sentida
Por ti, dôce virgem de magico olhar.

Acredita, minha Lelia,
A ti só eu juro amar !

A' noite calada sonhando em meu leito
Tua pallida imagem me vem contemplar,
Qual brilho da lua das nuvens desfeito
Battendo, de leve, nas aguas do mar.

Acredita, minha Lelia,
A ti só eu juro amar.

E acordo de chofre, de braços abertos
Querendo no espaço tua sombra abraçar
Cruel realidade ! da vida os desertos,
Veloces succedem meu louco sonhar !

Ai ! perdôa, minha Lelia,
Meu pobre desvanear .

B. R. B.

Meu anjo.

Ce sont les arts qui font le charme de la vie
Et par eux une femme est toujours embellie.

« CASIMIR BOUJOUR. »

Eu vou crear um anjinho,
Lêdo, gentil e formoso,
Co'um pé travesso e pequeno,
O corpo esbelto e mimoso.

Terá os olhos bem pretos,
A tez rosada e morena,
Cabellos côr de azeviche
A mão sedosa e pequena.

Os labios de côr de rosa
Serão pintados com grado
Onde poise eternamente
Brando sorriso, engraçado.

A cinturinha... ai ! que mimo !
Gentis as conchas do rosto,
A fronte larga, espaçosa,
O talhe do melhor gosto.

Nos bastos cabellos negros
Presos tem numa fitinha,
Sua irmã, a fresca rosa,
Do prado flôr e rainha...

Eis ahí, formado o anjo,
Que procuro desde a infancia
A quem votei meus affectos,
Meu amor, terne constancia.

PEDRO CELIDONIO GOMES DOS REIS.

Devaneios e suspiros

(N'UMA NOITE D'INSOMNIA).

(A. C*****).

Pourquoi gemis tu sans cesse
O' mon âme ? repondez-moi

(LAMARTINE.)

Triste de quem der um ai
Sem achar ecco em ninguém!

(T. RIBEIRO.)

I.

Alta vai-se tornando a noite.
Das Igrejas e dos mosteiros ouvem-se sons, que, repercutidos ao longe, vem calar-se no íno d'alma!

Do mosteiro mais proximo sinto os toques mais pronunciados: ouço distinctamente dar meia noite.

Tudo parece propender a deixar-me nas trevas e n'um estado de quietação.

Oh! como é sublime, e ao mesmo tempo lugubre, uma grande cidade ás horas mortas da meia noite!

A natureza simula dormir descuidosa de si, mas contente em seu leito de flôres.

Já por vezes o sorrateiro Morphêo, despresando, por momentos, seu poderoso rei o—Somno—, veio contempla-la; e preservando-a de olhos cubicosos, protege-la com suas azas, de negras cores, a sua predilecta amante.

O ar, essa Venus dos antigos Assyrios e Arabes, exhala mil perfumes, que extasiam e inebriam a alma, elevando-a ás celestes regiões do bello.

A lua, que tendo já percorrido grande espaço no firmamento mostrando-se bella e pura, no seu todo de prata como costuma apparecer nas noites de inverno, com essa luz divina, que nos extazia o coração e sensibilisa o olhar, que enamorado dos seus encantos torna-se terno, e por vezes, treme de gozo; a lua, digo, faceira, apresenta-se uma e mais uma vez por entre as brancas nuvens, interna-se depois em infinitos e immutaveis negrumes; as outras, ajun-

tando-se uma a uma, formando um perfeito contraste das que á pouco eram tão lindas descobrem um todo denegrado e espesso, como á indício de grande tempestade, e de tal forma, que o olhar mais vivo distinguir não póde alguma réstia de luz, ou mesmo alguma manchinha mais clara.

O vento, que geme na folhagem, e susurra mais livre por entre as copadas mangueiras e palmeiras, e esgueirando-se pela ondulante superficie da relva, vem, de encontro, bater-me no rosto, ás vezes forte, como querendo avisar-me d'algum novo incidente, outras, roçando-me como querendo gemer comigo e participadas angustias que minh'alma soffre!

Oh! como é encantador! como depois elle precipita-se furioso de encontro as rochas, e, ahi revolvendo-se em suas negras e profundas cavidades, parece revelar inauditos mysterios! oh! como é sublime, mas tambem como é triste! como condiz com o estado em que se acha a minh'alma! como patenteia o seu poderio, que immenso é! como indica ser emanção d'um poder sobrenatural!...

Os passaros detidos em seus ninhos receiosos da tempestade e do vento, aquecem sob as azas os tenros filhinhos.

Os pyrilampos lá brilham com as suas vagarosas luzes uns após outros, deixando-me a vista meio confusa, por causa da immensa escuridão.

Os grillos soltam seus tristes e compassados cantos; juntam-se-lhes outros insectos zumbidores, formando uma musica incommoda e monótona.

Os gallos tambem fazem-se ouvir, despertando nos a ideia do nascimento do Redemptor, na antiga Judéa.

O continuo grasnar da rã, que fugitiva de qualquer rumor, excita o coachar confuso de mil outras companheiras, nos paúes não mui distantes, contrista minha alma.

As flôres são bellas e exalam mil

perfumes, mas, á esta hora, parecem todas mudadas; descansam agora do esforço, que durante o dia e pela manhã fizeram para mostrar-se cada qual a primeira em seu realce; pendidas muitas, deixam-se levar, e veêm suas folhas dispersas aqui e alli á discrição dos ventos!

II.

Como tudo se muda, como tudo se acaba!

Uns soffrem, têm horas, seculos mesmo de agonia e soffrimentos, mas, em compensação, sentem finalmente seus gozos e prazeres; outros, brincam, sorriem, mas, quem sabe o que lhe estará reservado?.. Quantas dôres talvez? Assim é! A sorte de todos e de tudo muda-se, tem phases ao menos; tudo divisa um fim.

Oh! meu Deus, porque razão só eu sinto sempre o fel amargo repassar-me o coração?

Ha em mim um não sei quê de inexplicavel, vejo que me falta o calor, que me dóe o cerebro; as ideias perturbão-se-me, congela-se-me o sangue nas veias, sinto-me morrer oh! é horrivel!...

Vezes tantas se me dá o duvidar da tua existencia, oh! Deus, que és bom, que és justo; não te compadecerás do tormento em que vive esta alma magoada? Não vês que inda sou tão moço?

A' esta hora em que tudo parece dormir, á meia noite, é, que eu, com os devaneios de minha imaginação, fontes exaustas, as palpebras em fogo e o coração cortado por acerbas e cruciantes dôres velo, gemo e suspiro!

Mas... como? velar e suspirar, eu que tenho todo o corpo mais quente que uma lamina de ferro em brasa, que não me é dado nem se quer o chorar, porque as lagrimas seccarão-se-me para sempre nos olhos?

Ainda se eu pudesse chorar, oh! meu Deus, que alivio sentiria minha alma!

Que grande mudança talvez não se podesse dar !..

Porém, a realidade tudo vence, eu gemo sempre... e sinto me morrer ! !..

III.

— Como acreditar pode aquelle, que por ventura, não tenha sido testemunha de semelhantes devaneios, que me é estranho, que, nem por sonhos, tentou pisar no primeiro degrau, para subir ao grande templo que se chama—coração—, e que por tanto, ao meu ainda não o pôde fazer, como acreditar que eu gemo e suspiro sempre ?..

E' porque não tem esse direito ! não é dado a um alheio conhece-lo ; Nao!!!....

A flôr tem o seu perfume e belleza; a materia, em geral, a inercia ; a alma humana a immortalidade; e Deus a sua immensidade.

E a quem foi permittido prescrutar-lhes os arcanos ?

A' pessoa alguma, por certo !

Só o supremo Julgador e aquella que o conheceu e compenetrrou-se d'elle, que o amou algum tempo, (mas, bem pouco que assim foi ! ah ! loqui-nha, que fostes em perder-me, em amar-me) sim, só estes dous entes têm entrada em meu coração, sim...

Ella—, fallo d'Ella, a minha virgem adorada, o meu amor, a minha vida...

— Ella amava-me muito e com amor bem santo, (mas por pouco tempo !) porque a fatalidade a fez, encontrou n'Ella mais uma victima para satisfazer aos seus grandes caprichos.

—Foi infiel!—oh! custa-me muito pronunciar e ouvir esta palavra !

E' dura de mais !

(Continúa.)

AMÉRICO O. D' A. OLIVEIRA.

Revista Theatral.

As *Vesperas Sicilianas*, que, em quanto a mim, são a obra prima das

obras primas da musica dramatica, foram benignamente acolhidas pelo publico, e, principalmente, por aquelles que têm algum conhecimento do estylo sublime de Verdi.

Dos côros, arias, duetos, tercetos, quartetos desta opera, o que hei de dizer depois de ter declarado que é escripta por o autor da *Força do Destino* ? Fazer um elogio, dir-me-ha o leitor; mas eu responder-lhe-hei que a opera está acima de todo o elogio.

Vejâmos o desempenho das partes.

A sra. Pasi, no papel de *Helena*, tocou por vezes ás espheras do sublime. No duo de amor com *Henrique*, do segundo acto, o canto sahiu-lhe espontaneo, franco e natural. Soluçou a cavatina de morte com tal suavidade e brandura, que as lagrymas subiram-nos do coração aos olhos. E no terceiro acto, acto em que a musa de Scribe veiu poisar ao lado de Verdi, como ella teve momentos felizes ! como na delicada mão, então irritada, tremeu-lhe o punhal que o braço de *Henrique* desviou do seio de *Montfort* ! como as notas vibrantes sahiam-lhe do peito moldadas pela sua voz apaixonada, que me vinha afagar suavemente o ouvido ! como os cantos á flôr dos labios, do ultimo acto, os gorgeios ternos, doçorosos, ella os soltou com meiga delicadeza !

Sabendo como poucas apropriar a voz á expressão dos sentimentos da alma humana, ás vezes a sra. Pasi descahe, perdõem-me o vocabulo francez, na *sens blerie* affectada, exagerando o canto á ponto de tornal-o em elegia.

Quando publiquei a primeira revista perguntaram-me que predica-dos possuia a Sra. Pasi para merecer elogios pomposos. Oh ! meu Deus ! dous bem simples..... a voz e os gestos. E' tão facil..... pois é bem difficil. Censuraram-me tambem pelo juizo desfavoravel que eu expri-mi ácerca da sra. Escalante. Não tenho o costume de contradizer-me: estou prompto á sustental-o. E além disso tenho a plena liberdade de

dizer o que penso e sinto. Continue-mos porém.

O Sr. Marziali andou soffrivelmente. Se cantou o quatuor do terceiro acto é o que não posso affirmar, pelo facto de lhe não escutar a voz. Comtudo, ouvi-a destacar-se-lhe do peito limpida e sonora no dueto do reconhecimento.

O Sr. Lelmi, na parte de *Henrique*, confirmou o juizo que eu formulava á seu respeito: o de tenor excellente. Cantou com *brio* o terceto da prisão e o melodiosissimo duo com *Helena*, do quarto acto.

Mais artista que o Sr. Lelmi, mais conhecedor do estylo de Verdi que o Sr. Marziali, que pouco o estuda, o Sr. Ordinas foi, de todos os personagens, aquelle que melhor comprehendeu o seu papel. Cantou a aria de entrada e o trio do quarto acto com methodo e profundo sentimento. No final do segundo acto, quando elle, o nobre *Procida*, homem que a historia apresenta-nos como medico, vê a Sicilia ultrajada, quando escuta os cantos de jubilo dos francezes que desejavam espesinhá-la debaixo das patas dos seus corceis, a indignação e a dôr, o patriotismo e a raiva irrompem em ondas marullfosas dos seus labios trémulos de cólera, e esse magnifico côro, que rebenta da orchestra, sublime, delirante, magestoso, como que repassado de brados de vingança, cantou-o elle tão bem, que fez correr um frémito de entusiasmo pelas veias dos espectadores.

O Sr. Ordinas foi *Procida* algumas horas ; é o maior elogio que lhe posso fazer.

Os outros senhores cantaram menos mal.

O côro final do terceiro acto, que é admiravel, maravilhoso, o que fez só... foi causar-me espanto. O receio, a raiva, o medo, e depois de tres compassos, a melodia suavissima, febril, arrebatadora, quasi frenetica, semelhante aos sons d'harpa eolia, que Verdi imprimiu, em notas de

musica, nesse maviosissimo trecho lyrico, um dos mais lindos, o melhor talvez, que eu conheço, traduziu-os a orchestra com frieza.

Não é possível esquecer a Sra. Montero, a *filha do ar*, que dançou perfeitamente.

Como Émile Montégut, eu aprecio mais a dança classica do que o *bolero*, o passo hespanhol, e o *cancan*. E concordando com Jules Janin, que diz que uma chronica theatral não deve exceder a duas columnas, por hoje aqui faço ponto.

A. C. D'ALMEIDA.

Chronica da sociedade

E' emfim chegado o tardio momento de escrevermos a chronica terceira da Sociedade Bibliothecaria Recreativa.

Os acanhadissimos limites, consignados ao desempenho desta tarefa, não permitem occupar-nos nella com divagações, que, de algum modo, possam ser taxadas de inopportunas, cabendo-nos a missão do narrador escrupuloso que se cinge a referir os factos como elles se dão.

Ninguem queira, pois, encontrar neste nosso pobre trabalho mais do que a rezenha fiel desses mesmos factos que tiveram lugar durante este mez na sociedade.

Em tudo isso o nosso fim principal é rouba-los ao olvido em que por ventura hajam de cahir e grava-los na memoria como dignos que são do nosso culto, tendo em vistas prestar com isso um bem á corporação a que pertencemos.

Folgamos de annunciar que no dia 17 do corrente, reune-se em — Sessão Magna — a Sociedade Bibliothecaria Recreativa, para saudar o Exm. Sr. Barão de Tautphœus em razão do seu prospero anniversario.

Epocha feliz e memoravel e de tanto jubilo para nós é esta !

Quizeramos saber expressar nesse dia solemne o amor e a sincera amizade que tanto de coração dedicamos ao Exm. Sr. Barão, nós que, com a mais robusta crença, e prazer indescriptivel, vemos confiados ao seu zelo e doce solicitude o nosso futuro e a nossa educação inteira !

Passemos a outras cousas :

Depois de havermos publicado o segundo numero da *Inubia*, lemos, tomados de nobre orgulho, no *Guarany* de 21 de Agosto proxima findo, o artigo com que a illustre Redacção daquelle periodico accusa o recebimento do primeiro, que lhe remettemos.

Que poderá desejar a *Inubia*, obscuro viajor no caminho das letras, a tão nobre e ousado campeão, senão que alcance ao termino de sua carreira os louros merecidos do triumpho ?

E particularmente ao Illm. Sr. Felix Ferreira, a Sociedade Bibliothecaria Recreativa agradece o interressantissimo volume do 1º semestre do *Guarany* com que se dignou mimosia-la.

A' muito illustrada e Exma. Sra. D. Maria Ribeiro, a sociedade con-signa aqui um voto de extrema gratidão e summo reconhecimento pelo seu sympathico presente.

Presentearam tambem á Sociedade Bibliothecaria Recreativa com uma collecção de bellas obras scientificas e litterarias varios socios, cujos nomes mencionamos nesta chronica, deixando de ir o catalogo daquellas em razão de tomar muito espaço.

Forão esses os Srs : José da Silva Nogueira, doze volumes : Americo Olympio, quatro ; José Thomaz P. Barbosa e Braga Torres, trez ; Pedro Celidonio, Leão e Francisco Valladares, dous ; e com um, os Srs. Bento Ribeiro Bastos, Joaquim Dias Ferraz, Ramiro d'Araujo e João José da Cruz Camarão.

Este acto desinteressado, filho da generosidade e do amor aos principios meramente sociaes, estabelecidos nesta corporação, attesta, em alto gráo, o desejo que todos têm de vêr prosperar a Sociedade Bibliothecaria Recreativa.

No dia 1º deste houve a sessão ordinaria. O Sr. Urbano Burlamaque Castello Branco, por motivos justos que a tanto o obrigaram, pediu demissão do cargo de Orador da Sociedade e foi eleito em seu lugar o socio Manoel Dias Carneiro.

Fiquemos aqui.

J. L.

Noticiario.

A Sociedade Bibliothecaria, considerando onerosa para si a manutenção deste humilde periodico, resolveu na sessão de 11 do corrente por maioria de votos não continuar com a sua publicação: não nos cumpre esquadrihar os motivos que pêsarão no animo dos illustres socios para uma tal deliberação, não; respeitamos sobre maneira o seu pronunciamento qualquer que tenha sido porque apreciamos devidamente os nobres caracteres que lhe são ornamento; porém o nosso fim é noticiar que, não obstante isto, o jornal continúa a proseguir na carreira litteraria sob a direcção de varios Jovens, que, convictos das difficuldades inherentes ás emprezas de tal ordem, não pouparão esforços que estiverem a seu alcance para o melhoramento do mencionado jornal.

Para esse fim, apellamos para os sentimentos generosos de nossos assignantes que nos têm dispensado até o presente seu valioso concurso.

A *Inubia*, pois, sem variar de fórma nem de nome encetarã, por assim dizer, um novo periodo de existencia, não eximindo publicar nas suas columnas qualquer noticia que diga respeito á sociedade.

TYP. DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

20—Rua Nova do Ouvidor—20.